



juventude
patriarcado de Lisboa



ANO DA FÉ ²⁰¹²
₂₀₁₃

Ano da Fé

O bem mais precioso que o cristão tem é a fé. Por vezes, querem convencer-nos de que é outra realidade, pessoa, coisa ou valor. Os que já não dizem que é o dinheiro, ainda dizem que é a família, ou a saúde. Mas não é verdade, porque a graça do Senhor vale mais que a vida (cf. Sl 62,4).

Significa então que na Nova Evangelização a que somos lançados, não podemos perder o mais importante. Jesus diz aos seus discípulos de todos os tempos: "Sede simples como as pombas e prudentes como as serpentes" (Mt 10,16). Ele quer que os seus Apóstolos tenham uma prudência de serpente. "Pois, como a serpente abandona todo o seu corpo para conservar a cabeça, assim abandonai todos os vossos bens, o vosso corpo e a vossa própria vida se for preciso, para conservar a fé. Ela é a vossa cabeça, ela é a vossa raiz. Conservai-a, e quando tudo tiverdes perdido, tudo reflorirá com mais abundância, e recuperareis tudo com mais glória ainda" (São João Crisóstomo, Homilia 33)

Desde 11 de Outubro de 2012 (50º aniversário da abertura do Concílio Vaticano II) até 24 de Novembro de 2013 (Cristo-Rei), será o Ano da Fé, assim proclamado para toda a Igreja, pelo Papa Bento XVI (Porta Fidei, 4).

Neste ano, queremos dar graças a Deus pelo dom da fé. Queremos pedi-lo continuamente ao Senhor. Queremos descobrir ou redescobrir a alegria de acreditar, uma alegria que, sendo autêntica, é sempre contagiante. E por isso, queremos celebrar a fé, cada vez com mais verdade. Mas queremos também anunciar Jesus Cristo com mais vigor, Ele que é o autor e consumidor da nossa Fé, o Senhor Ressuscitado, vencedor da morte (cf. Heb 12,2).

Não queremos cair no velho erro de separar a fé e a vida. Em tudo o que somos e fazemos, há-de manifestar-se Aquele em quem pomos a nossa confiança e a nossa fé (cf. 2Tm 1,12). Isso há-de sentir-se na escola e na universidade, no trabalho, na família, na vida económica, social e política. Há-de perceber-se na maneira como olhamos a vida, até como encaminhamos a vida nesta ou naquela direcção, na vontade do Senhor, casando ou não, no namoro, na consagração, na missão, longe ou perto, com os amigos, os conhecidos e os desconhecidos.

A fé cresce também na medida em que é anunciada. O Senhor espera-nos na Galileia dos gentios, lugar simbólico da evangelização. "Ide e fazei discípulos de todas as nações" (Mt 28,19) continua a ser o mandato para todos os cristãos, para os que vão à JMJ no Rio de Janeiro, com este lema, e para os que não vão.

A fé tem conteúdos. Por isso, damos graças a Deus por vivermos num tempo com tantos instrumentos seguros, como o Catecismo da Igreja Católica, a fazer 20 anos neste mesmo dia de Outubro em que começa o Ano da Fé, e como o Youcat, o catecismo jovem da Igreja. Queremos aprofundar o nosso conhecimento, porque quem ama quer saber sempre mais acerca do amado e da sua vontade.

Muitas vezes a fé é posta à prova pelas dificuldades e sofrimentos, individuais e comunitários. Mas é por ela que a relação com o Senhor se concretiza e aprofunda. E Jesus dá-nos a razão de ser da nossa vida, mesmo naquelas coisas que não compreendemos; dá-nos também a graça que nos cura, para podermos viver em comunhão com os irmãos. “Possa este Ano da Fé tornar cada vez mais firme a relação com Cristo Senhor, dado que só n’Ele temos a certeza para olhar o futuro e a garantia dum amor autêntico e duradouro. As seguintes palavras do apóstolo Pedro lançam um último jorro de luz sobre a fé: «É por isso que exultais de alegria, se bem que, por algum tempo, tendes de andar aflitos por diversas provações; deste modo, a qualidade genuína da vossa fé – muito mais preciosa do que o ouro perecível, por certo também provado pelo fogo – será achada digna de louvor, de glória e de honra, na altura da manifestação de Jesus Cristo. Sem O terdes visto, vós O amais; sem O ver ainda, credes n’Ele e vos alegrais com uma alegria indescritível e irradiante, alcançando assim a meta da vossa fé: a salvação das almas» (1 Ped 1, 6-9). A vida dos cristãos conhece a experiência da alegria e a do sofrimento. Quantos Santos viveram na solidão! Quantos crentes, mesmo em nossos dias, provados pelo silêncio de Deus, cuja voz consoladora queriam ouvir! As provas da vida, ao mesmo tempo que permitem compreender o mistério da Cruz e participar nos sofrimentos de Cristo (cf. Cl 1, 24), são prelúdio da alegria e da esperança a que a fé conduz: «Quando sou fraco, então é que sou forte» (2 Cor 12, 10). Com firme certeza, acreditamos que o Senhor Jesus derrotou o mal e a morte. Com esta confiança segura, confiamos-nos a Ele: Ele, presente no meio de nós, vence o poder do maligno (cf. Lc 11, 20); e a Igreja, comunidade visível da sua misericórdia, permanece n’Ele como sinal da reconciliação definitiva com o Pai.” [Papa Bento XVI, Carta Apostólica Porta Fidei, 15]

Para ajudar esta caminhada, que queremos fazer em Igreja, aqui começa uma proposta para vários encontros. Não dêmos as coisas por adquiridas. Logo nós que escutámos ao vivo da boca do Papa: “Muitas vezes, preocupamo-nos afanosamente com as consequências sociais, culturais e políticas da fé, dando por suposto que a fé existe, o que é cada vez menos realista” (Papa Bento XVI, Homilia na Missa no Terreiro do Paço em Lisboa, 11 de Maio 2010). Não é a única oferta, mas quer provocar uma caminhada diocesana comum. São propostas que têm uma lógica interna, mas cada animador deverá usá-las de acordo com a realidade do seu grupo, mesmo no que diz respeito aos tempos em que se implementam.

Que este Ano da Fé dê muito fruto para a Igreja e para o mundo, em particular para os jovens da nossa Diocese de Lisboa! Tenhamos presentes, como orientação para este ano, as palavras do nosso Patriarca: "O dinamismo da Igreja é a força da fé. O Santo Padre proclamou um Ano da Fé, para que toda a Igreja aprofunde esta centralidade decisiva da fé em Jesus Cristo. A fé é a porta por onde se entra na construção desta etapa definitiva da humanidade. Cristo declarou-se a Si Mesmo a porta: "Eu sou a Porta". A fé é a porta por onde se entra nesta aventura decisiva de vivermos a vida com Cristo, de querermos ser, hoje e sempre, aqueles homens e mulheres que Deus criou à sua Imagem. Atravessemos esta porta com confiança; não olhemos para trás. Do outro lado está o mundo com os seus atractivos e com a sua interpretação da realidade humana. Ao entrar pela Porta da Fé, encetemos um longo caminho, que nos conduz à vida, a esta alegria de sermos um Povo que o Senhor reúne na unidade do amor e que anuncia o destino definitivo da humanidade. (D. José Policarpo, Homilia na Solenidade da Santíssima Trindade, Dia da Igreja Diocesana, Casa do Gaiato do Tojal, 3 de Junho de 2012.)

Pe. Carlos Miguel Gonçalves

Director do Serviço da Juventude - Patriarcado de Lisboa

Índice



Outubro 2012 > Dezembro 2012

Tema 1 // Fé - A alegria de acreditar	7
Tema 2 // Fé em Jesus Cristo	10



Janeiro 2013 > Março 2013

Tema 3 // A fé anunciada	14
Tema 4 // Ide e fazei discípulos	19



Abril 2013 > Junho 2013

Tema 5 // A fé vivida	25
Tema 6 // A fé celebrada	34



Outubro 2012 > Dezembro 2012



Tema 1
Fé - A alegria de acreditar

Tema 2
Fé em Jesus Cristo

Tema 1

Fé - A alegria de acreditar

“Convertei-vos e acreditai no Evangelho” Mc 1,15



Vamos fixar a atenção na palavra “Crer”. Fé é uma palavra-chave da experiência cristã que já ouvimos repetir muitas vezes.

Se quisermos ser mais precisos, podemos traduzir o termo grego usado por Marcos, tendo também presente o vocábulo hebraico que está por trás, com a seguinte expressão: “Apoiai-vos no Evangelho, confiai no Evangelho”. A palavra “fé”, na sua longa história – no Antigo testamento, na Bíblia, na versão hebraica da Escritura – representa a situação de quem confia, de quem se apoia numa rocha e de quem se sente seguro por estar apoiado em alguém muito mais forte do que ele.

Pode parecer fácil, mas, no fundo, é muito difícil confiar verdadeiramente numa outra pessoa! Talvez as experiências por que passamos na vida, as situações difíceis em que nos chegamos a encontrar e a violência que nos rodeia expliquem cada vez mais a incapacidade do homem de confiar no outro. Estamos mais seguros de tudo o que somos nós a fazer do que daquilo que nos vem dos outros.

Ao contrário, a atitude que nos é proposta como fundamental é confiarmos no Evangelho, apoiarmo-nos na força de Deus que vem ao nosso encontro através do Evangelho.

Confiar implica abandonarmo-nos, apoiarmo-nos na iniciativa de Deus-ao-nosso-encontro, na pessoa de Jesus, que vive hoje, ressuscitado, na Igreja e na história.

No centro de todas estas atitudes está, portanto, o que queremos dizer com a palavra “fé”. O Concílio Vaticano II explica mais amplamente que, pela fé, o homem confia em Deus inteiramente e oferece-se a Deus totalmente, acreditando nas verdades propostas pela Igreja, ao mesmo tempo que confia no poder de Deus.

A fé é extremamente importante para a vida cristã. Não devemos considerá-la como sendo um instrumento para obter qualquer coisa. Por vezes diz-se: tal pessoa tem muita fé, tem mais fé do que nós! Ou então: felizes de vós, os que tendes fé! Mas, na verdade, a fé não é uma capacidade pessoal, não é construída pelo homem; é, antes, uma atitude muito simples de quem se abandona com confiança na Palavra de Deus, é alimentar-se do poder da Palavra de Deus que opera em nós.

Não se exige que pratiquemos acções heróicas, que façamos coisas grandes. A conversão equivale a sair de uma situação em que estamos centrados no próprio egoísmo para outra situação em que nos abrimos para a vida fraterna, para o serviço aos outros. E tudo isto não tem origem no nosso esforço, mas sim no acolhimento da salvação oferecida por Deus e, portanto, consiste em depositar confiança em Deus e em abrir-Lhe de boa vontade o coração e o espírito.

Que se deve fazer para ter esta fé que tantos gostariam de ter? Devemos sobretudo e principalmente pôr-nos diante da Palavra de Deus. É a própria escuta da Palavra que, com o seu poder, abre o nosso coração à fé; é a Palavra de Deus que produz, para quem a escuta, a fé. Escutar o Evangelho, escutar a mensagem contida na vida, morte e ressurreição de Jesus abre o coração à atitude maravilhosa da confiança em Deus e torna-nos, portanto, capazes de gradualmente confiarmos ainda mais no próximo e de criar à nossa volta uma atmosfera de confiança recíproca que é muito importante para superar tantas dificuldades da vida.

Ainda existe algo em que acreditar, Carlo Maria Martini

Pela fé, Maria acolheu a palavra do Anjo e acreditou no anúncio de que seria Mãe de Deus na obediência da sua dedicação (cf. Lc 1, 38). Ao visitar Isabel, elevou o seu cântico de louvor ao Altíssimo pelas maravilhas que realizava em quantos a Ele se confiavam (cf. Lc 1, 46-55). Com alegria e trepidação, deu à luz o seu Filho unigénito, mantendo intacta a sua virgindade (cf. Lc 2, 6-7). Confiando em José, seu Esposo, levou Jesus para o Egipto a fim de O salvar da perseguição de Herodes (cf. Mt 2, 13-15). Com a mesma fé, seguiu o Senhor na sua pregação e permaneceu a seu lado mesmo no Gólgota (cf. Jo 19, 25-27). Com fé, Maria saboreou os frutos da ressurreição de Jesus e, conservando no coração a memória de tudo (cf. Lc 2, 19-21), transmitiu-a aos Doze reunidos com Ela no Cenáculo para receberem o Espírito Santo (cf. Act 1, 14; 2, 1-4).

Pela fé, os Apóstolos deixaram tudo para seguir o Mestre (cf. Mc 10, 28). Acreditaram nas palavras com que Ele anunciava o Reino de Deus presente e realizado na sua Pessoa (cf. Lc 11, 20). Viveram em comunhão de vida com Jesus, que os instruía com a sua doutrina, deixando-lhes uma nova regra de vida pela qual haveriam de ser reconhecidos como seus discípulos depois da morte d'Ele (cf. Jo 13, 34-35). Pela fé, foram pelo mundo inteiro, obedecendo ao mandato de levar o Evangelho a toda a criatura (cf. Mc 16, 15) e, sem temor algum, anunciaram a todos a alegria da ressurreição, de que foram fiéis testemunhas.

Pela fé, os discípulos formaram a primeira comunidade reunida à volta do ensino dos Apóstolos, na oração, na celebração da Eucaristia, pondo em comum aquilo que possuíam para acudir às necessidades dos irmãos (cf. Act 2, 42-47).

Pela fé, os mártires deram a sua vida para testemunhar a verdade do Evangelho que os transformara, tornando-os capazes de chegar até ao dom maior do amor com o perdão dos seus próprios perseguidores.

Pela fé, homens e mulheres consagraram a sua vida a Cristo, deixando tudo para viver em simplicidade evangélica e obediência, pobreza e castidade, sinais concretos de quem aguarda o Senhor, que não tarda a vir. Pela fé, muitos cristãos se fizeram promotores de uma acção em prol da justiça, para tornar palpável a palavra do Senhor, que veio anunciar a libertação da opressão e um ano de graça para todos (cf. Lc 4, 18-19).

Pela fé, no decurso dos séculos, homens e mulheres de todas as idades, cujo nome está escrito no Livro da vida (cf. Ap 7, 9; 13, 8), confessaram a beleza de seguir o Senhor Jesus nos lugares onde eram chamados a dar testemunho do seu ser cristão: na família, na profissão, na vida pública, no exercício dos carismas e ministérios a que foram chamados.

Pela fé, vivemos também nós, reconhecendo o Senhor Jesus vivo e presente na nossa vida e na história.

Papa Bento XVI, Carta Apostólica PORTA FIDEI, 2011



▪ **Pela fé, estás disposto a deixar que Deus mude a tua vida?**

▪ **“Tudo o que não cresce, decresce e arrisca-se a desaparecer. Este parece ser um princípio básico da vida. Não há meio termo, ninguém fica de fora desta realidade. Se deixo de investir numa relação, ela não se aguenta; se não dou continuidade à minha formação, deformo-me inevitavelmente, e por aí fora... E quem não continua a investir na fé e no amor, corre o risco de perder ambas as coisas.”** (Pe. Vasco Pinto Magalhães, *Não há soluções, há caminhos*)

E tu, que fazes para investir na tua fé?

**Pesquisa no YOUCAT**

21 ; 22 ; 12; 307

**Oração**

Senhor, faz que a minha fé seja plena,
sem reservas
e que penetre o meu pensamento,
e o meu modo de julgar as coisas divinas e humanas.

Senhor, faz que a minha fé seja livre,
que tenha o empenho pessoal da minha adesão
e que eu aceite as renúncias e deveres que ela comporta.

Senhor, faz que a minha fé seja forte,
que não tema a contradição dos problemas
de que está cheia a minha vida,
que não tema as invectivas
de quem a ataca, a discute ou a nega,
mas que se reafirme na prova íntima da Tua verdade.

Senhor, faz que a minha fé seja alegre,
dê gozo e paz ao meu espírito,
e o capacite para a oração com Deus
e para o trato com os irmãos.

Senhor, faz que a minha fé seja activa
e dê à claridade as razões da sua expansão moral,
de modo que seja verdadeira amizade contigo
e seja, nas obras, uma contínua busca de Ti,
um contínuo testemunho,
um alento ininterrupto de esperança.

*Paulo VI In:Rafael Prieto Ramiro – Pero si todos somos uno! – Cuaresma y Pascua 2002.
Madrid, Cáritas, 2002*

**Ler mais**

- *Esta é a nossa fé – Catequese para o povo de Deus, 1º vol, 1º Encontro - A fé que nos gloriamos de professar, Manuel Pelino, António Marto*
- *Carta Apostólica PORTA FIDEI, Papa Bento XVI*

Tema 2

Fé em Jesus Cristo

“Também o homem contemporâneo pode sentir de novo a necessidade de ir como a samaritana ao poço, para ouvir Jesus que convida a crer n’Ele e a beber na sua fonte, donde jorra água viva.”

Papa Bento XVI, Carta Apostólica PORTA FIDEI, 2011

T

Na actualidade, são certamente muitos os que se sentem atraídos pela figura de Cristo e desejam conhecê-Lo melhor. Pressentem que Ele é a resposta a muitas das suas inquietações pessoais. Mas quem é Ele realmente? Como é possível que alguém que viveu na terra há tantos anos tenha algo a ver comigo hoje?

“Ao chegar à região de Cesareia de Filipe, Jesus fez a seguinte pergunta aos seus discípulos: «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?» Eles responderam: «Uns dizem que é João Baptista; outros, que é Elias; e outros, que é Jeremias ou algum dos profetas.» Perguntou-lhes de novo: «E vós, quem dizeis que Eu sou?» Tomando a palavra, Simão Pedro respondeu: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo.» Jesus disse-lhe em resposta: «És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que to revelou, mas o meu Pai que está no Céu. Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu.» Depois, ordenou aos discípulos que a ninguém dissessem que Ele era o Messias.” (Mt 16, 13-20)

Neste Evangelho vemos representadas, de certo modo, duas formas diferentes de conhecer Cristo. O primeiro consistiria num conhecimento externo, caracterizado pela opinião corrente. À pergunta de Jesus, «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?», os discípulos respondem: «Uns dizem que é João Baptista; outros, que é Elias; e outros, que é Jeremias ou algum dos profetas». Isto é, considera-se Cristo como mais uma personagem religiosa junto às que já são conhecidas. Depois, dirigindo-se pessoalmente aos discípulos, Jesus pergunta-lhes: «E vós, quem dizeis que Eu sou?». Pedro responde formulando a primeira confissão de fé: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo». A fé vai mais longe que os simples dados empíricos ou históricos, e é capaz de apreender o mistério da pessoa de Cristo na sua profundidade.

A fé, porém, não é fruto do esforço do homem, da sua razão, mas é um dom de Deus: «És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que to revelou, mas o meu Pai que está no Céu». Tem a sua origem na iniciativa de Deus, que nos desvenda a sua intimidade e nos convida a participar da sua própria vida divina. A fé não se limita a proporcionar alguma informação sobre a identidade de Cristo, mas supõe uma relação pessoal com Ele, a adesão de toda a pessoa, com a sua inteligência, vontade e sentimentos, à manifestação que Deus faz de Si mesmo. Deste modo, a pergunta de Jesus, «E vós, quem dizeis que Eu sou?», no fundo está impelindo os discípulos a tomarem uma decisão pessoal em relação a Ele. Fé e seguimento de Cristo estão intimamente relacionados.

E, dado que supõe seguir o Mestre, a fé tem que se consolidar e crescer, tornar-se mais profunda e madura, à medida que se intensifica e fortalece a relação com Jesus, a intimidade com Ele. Também Pedro e os outros Apóstolos tiveram que avançar por este caminho, até que o encontro com o Senhor ressuscitado lhes abriu os olhos para uma fé plena.

Queridos jovens, Cristo hoje também se dirige a vós com a mesma pergunta que fez aos apóstolos: «E vós, quem dizeis que Eu sou?» Respondei-Lhe com generosidade e coragem, como corresponde a um coração jovem como o vosso. Dizei-Lhe: Jesus, eu sei que Tu és o Filho de Deus, que deste a tua vida por mim. Quero seguir-Te fielmente e deixar-me guiar pela tua palavra. Tu conheces-me e amas-me. Eu

confio em Ti e coloco nas tuas mãos a minha vida inteira. Quero que sejas a força que me sustente, a alegria que nunca me abandone.

Na sua resposta à confissão de Pedro, Jesus fala da sua Igreja: «Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja». Que significa isto? Jesus constrói a Igreja sobre a rocha da fé de Pedro, que confessa a divindade de Cristo.

Sim, a Igreja não é uma simples instituição humana, como outra qualquer, mas está intimamente unida a Deus. O próprio Cristo Se refere a ela como a «sua» Igreja. Não se pode separar Cristo da Igreja, tal como não se pode separar a cabeça do corpo (cf. 1 Cor 12, 12). A Igreja não vive de si mesma, mas do Senhor. Ele está presente no meio dela e dá-lhe vida, alimento e fortaleza.

Queridos jovens, permiti que, como Sucessor de Pedro, vos convide a fortalecer esta fé que nos tem sido transmitida desde os Apóstolos, a colocar Cristo, Filho de Deus, no centro da vossa vida. Mas permiti também que vos recorde que seguir Jesus na fé é caminhar com Ele na comunhão da Igreja. Não se pode, sozinho, seguir Jesus. Quem cede à tentação de seguir «por sua conta» ou de viver a fé segundo a mentalidade individualista, que predomina na sociedade, corre o risco de nunca encontrar Jesus Cristo, ou de acabar seguindo uma imagem falsa d'Ele.

Ter fé é apoiar-se na fé dos teus irmãos, e fazer com que a tua fé sirva também de apoio para a fé de outros. Peço-vos, queridos amigos, que ameis a Igreja, que vos gerou na fé, que vos ajudou a conhecer melhor Cristo, que vos fez descobrir a beleza do Seu amor. Para o crescimento da vossa amizade com Cristo é fundamental reconhecer a importância da vossa feliz inserção nas paróquias, comunidades e movimentos, bem como a participação na Eucaristia de cada domingo, a recepção frequente do sacramento do perdão e o cultivo da oração e a meditação da Palavra de Deus.

E, desta amizade com Jesus, nascerá também o impulso que leva a dar testemunho da fé nos mais diversos ambientes, incluindo nos lugares onde prevalece a rejeição ou a indiferença. É impossível encontrar Cristo, e não O dar a conhecer aos outros. Por isso, não guardeis Cristo para vós mesmos. Comunicaí aos outros a alegria da vossa fé. O mundo necessita do testemunho da vossa fé; necessita, sem dúvida, de Deus.

Papa Bento XVI, Homilia da Eucaristia final, JMJ Madrid 2011

Mas afinal, o que é ter fé? À partida pode dizer-se que é a adesão incondicional à pessoa de Jesus Cristo. Mas, este encontro com Cristo supõe três momentos:

- **Credere in Christo**, isto é, confiar em Jesus Cristo – esta é a maneira mais fácil de acreditar. Se na vida se confia em tanta gente, compreende-se que facilmente se confie em Jesus Cristo que se sabe ser o Filho de Deus. É a primeira etapa da fé.
- **Credere Christum**, isto é, conhecer bem a pessoa de Jesus Cristo – talvez seja aqui que os cristãos encontram maior dificuldade. A catequese de infância ensinou muita doutrina, mas talvez não tenha revelado suficientemente a pessoa de Jesus Cristo que importa conhecer, sobretudo através da Palavra de Deus. Muitos ainda não passam do Cristo histórico, faltando-lhes conhecer a pessoa de Jesus, o Verbo de Deus que o Senhor enviou para salvar o mundo. Se ninguém ama o que não conhece, amar Jesus implica conhecê-l'O de verdade.
- **Credere in Christum**, isto é, comprometer-se com a pessoa de Jesus Cristo – a fé não pode ser apenas um conhecimento de doutrinas, é uma relação pessoal com Jesus. E as relações profundas comprometem aqueles que se amam. Daí a afirmação de Tiago: a fé sem obras é morta (cf Tg 2, 17). Foi Santo Agostinho que no séc. IV fez esta reflexão sobre a fé. Passados tantos séculos, só uma fé com estas três dimensões, confiança, conhecimento e compromisso, é uma fé adulta, uma fé verdadeira.

Pe. Vitor Feytor Pinto, Celebrar o Ano da Fé



▪ **O que fazes para conhecer melhor Jesus? O que lês? Com quem falas?**



Pesquisa no YOUCAT

9 ; 10 ; 72 ; 77 ; 104 ; 348



Oração

Senhor Jesus, manso e humilde de coração,
concede-me um coração semelhante ao Teu!

Contagia-me com a Tua maneira de olhar,
a Tua maneira de ver, a Tua maneira de estar...

Que toda a minha vida, os meus gestos,
as minhas palavras, as minhas lágrimas,
os meus sorrisos, falem de Ti e do Teu Reino,
falem da vida verdadeira que vieste anunciar.

Senhor Jesus, Tu que és a Luz,
ilumina a minha vida.
Ilumina a vida dos que sofrem,
dos que estão cansados e oprimidos.

Senhor Jesus, Tu que és a Porta,
conduz-me à verdadeira liberdade.
Que as minhas relações e os meus projectos
comecem em Ti e em Ti terminem.

Senhor Jesus, Bom Pastor,
faz-me dócil à Tua voz.
Mostra-me os Teus caminhos.
Conduz-me pelo Teu caminho.

Sê Tu o meu alimento, a minha raiz,
a minha rocha, a minha força e salvação.

Contagia-me, Senhor, com o Teu modo de ESTAR,
com o Teu modo de AMAR, com o Teu modo de SER.

Congregação das Escravas do Sagrado Coração de Jesus



Ler mais

- *O príncipe e a lavadeira, capítulo "A Encarnação", Nuno Tovar de Lemos, sj*
- *A verdade vos tornará livres, Conferência Episcopal Italiana, capítulo 8, Jesus Cristo Filho de Deus*

2º BLOCO

Janeiro 2013 > Março 2013



Tema 3
A fé anunciada

Tema 4
Ide e fazei discípulos

Tema 3

A fé anunciada

“Com o seu amor, Jesus Cristo atrai a Si os homens de cada geração: em todo o tempo, Ele convoca a Igreja confiando-lhe o anúncio do Evangelho, com um mandato que é sempre novo. Por isso, também hoje é necessário um empenho eclesial mais convicto a favor de uma nova evangelização, para descobrir de novo a alegria de crer e reencontrar o entusiasmo de comunicar a fé.”

Papa Bento XVI, Carta Apostólica Porta Fidei, 2011



Visualização do testemunho de D. António Couto

Link para youtube: <http://youtu.be/HOF3NITjLuU>

Link para descarregar o ficheiro em formato .avi: <http://db.tt/tZ0bslQS>

Paulo, apóstolo das nações

Quando recebemos uma missão, somos chamados a entregar tudo o que somos e temos, o nosso passado, o presente e o futuro.

A Fé anunciada é uma experiência de vida, porque o Cristo que anunciamos é Aquele que amamos e procuramos.

A história e a vida de quem, como nós, confiou humildemente em Deus e tudo colocou nas Suas mãos, pode inspirar-nos a proclamarmos, no dia-a-dia, a fé que extravasa e que nos gloriamos de professar.

A missão como um dom de Deus

Um exemplo de anúncio de fé é São Paulo, apóstolo infatigável, militante, sempre de malas feitas e em viagem, levando o Evangelho a terras e povos cada vez mais distantes. Mas para Paulo a missão de anunciar é, antes de mais, um dom de Deus.

Ao lermos os Actos temos a impressão que Paulo, mais que homem de iniciativas, é um homem que obedece ao Espírito. É alguém que é conduzido. É o Espírito que o chama, o envia, o acompanha e não deixa sozinho nas dúvidas e dificuldades. É Deus quem chama para a missão. Ninguém se faz apóstolo sozinho. A própria palavra “apóstolo” significa “mandatado”. O mandatado vale pela mensagem que lhe é confiada. Esta mensagem é as suas credenciais.

Logo no início da sua carta aos Romanos, Paulo insiste sobre esta dimensão fundamental da missão. O apóstolo é um homem da fonte. Vive na intimidade de Deus e é lá que ele ouve a sua voz.

“Paulo, servo de Jesus Cristo, apóstolo por vocação, escolhido para anunciar o Evangelho de Deus, que este de antemão prometera por meio dos seus profetas...”. Paulo vai à raiz da sua vocação apostólica: a missão nasce em Jesus Cristo e toma conta da nossa vida. A vocação apostólica não é uma profissão que nós aprendemos, não é uma habilidade em que nos tornamos mestres, é algo que marca o nosso ser. Ela situa-se no íntimo do nosso coração, lá onde nasce o grande amor da nossa vida... Anunciar o Evangelho é deixar que esta marca de Deus, no íntimo do nosso ser, se torne transparente. A missão é como um tição que se recebe da fogueira. É Deus que escolhe os seus missionários e lhes confia o seu Evangelho.

“*Posto à parte para anunciar o Evangelho*” – é a mensagem que faz o apóstolo. A sua autenticidade depende da fidelidade à mensagem.

“Por ele recebemos a graça de ser apóstolo” – antes de ser uma responsabilidade que se assume, o ser apóstolo é um dom de Deus que se acolhe, uma graça que se recebe. Ser apóstolo consiste simplesmente em acolhermos a missão do Pai. É uma confiança que só se recebe na intimidade com Ele. Paulo insiste sobre o seu título de apóstolo: só esse título lhe dá autoridade e capacidade para anunciar o Evangelho. É esse título aquele que ele cita mais vezes e que está logo no início das suas cartas. Na carta aos Gálatas e na 2ª aos Coríntios, ele defende longamente e com paixão o seu direito a esse título. Para isso lembra o seu encontro com o ressuscitado onde esta missão lhe tinha sido confiada: *“Quando aprovou a Deus que me escolheu desde o seio de minha mãe e me chamou pela sua graça”* (Gal 1,15). Ele é, de facto, embaixador de Cristo. *“É em nome de Cristo, portanto, que exercemos a função de embaixadores e é Deus quem, por nosso intermédio, vos exorta. Em nome de Cristo suplicamos-vos...”* (2 Cor 5,20). E São Paulo vai mesmo ao ponto de dizer que a tarefa apostólica é um serviço de culto. Paulo, exercendo o ministério de fé, exerce uma função litúrgica: ele é o ministro de um culto cuja acção fundamental é o anúncio da Palavra. A mesa da Palavra faz efectivamente parte da celebração eucarística. É na Eucaristia que a Palavra mergulha na sua fonte.

A força da missão está na Palavra

Não é a missão que leva a Palavra, mas é a Palavra que está na origem da missão. S. João leva-nos à fonte deste mistério da missão: no princípio era a Palavra e a Palavra era Deus e... a Palavra se fez carne e habitou entre nós. É no coração de Deus que está a fonte onde brota a sua Palavra que está a origem e a força da missão.

É evidente que em S. Paulo habita uma força que o ultrapassa. A Palavra tem um percurso próprio, a lógica de Deus e não a ciência humana. S. Paulo num determinado momento chegou a fazer a experiência das técnicas de comunicação, mas acabou por descobrir que não era por aí que passava a Palavra de Deus. Ele chegou à conclusão que Deus escolhe os fracos, os menos preparados retoricamente para confundir os fortes. *“Eu mesmo, quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com o prestígio da linguagem ou da sabedoria, para vos anunciar os mistérios de Deus. Julguei não dever saber outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado. Estive no meio de vós cheio de fraqueza, de receio e de grande temor. A minha palavra e a minha pregação nada tinham dos argumentos persuasivos da sabedoria humana, mas eram uma demonstração do poder do Espírito, para que a vossa fé não se baseasse na sabedoria dos homens mas no poder de Deus”* (1 Cor 2,1-5). É a maior confissão que Paulo faz da sua vocação apostólica.

No seu estilo podíamos encontrar elementos próprios de um bom escritor e um fácil comunicador da pena. Mas na Carta aos Romanos, onde esse estilo é mais evidente, ele insiste que a grande técnica é a força do Evangelho. Para ter força é preciso converter-se ao Evangelho. O missionário é a primeira terra de missão: da missão do Verbo que todos os dias vem ter connosco e levanta a sua tenda na nossa casa. O missionário é a tenda da missão. É uma das constantes da vocação profética: o povo descobrirá a vontade de Deus através da vida do profeta. Se a Palavra era fogo, o profeta era um tição, um incendiário. A Palavra era um fogo que se pegava.

As marcas de Jesus

Nesta mesma linha, São Paulo fala dos sinais que creditam a acção apostólica: sinais miraculosos, prodígios, actos de poder e uma paciência a toda a prova (2 Cor 12,12). Mas o sinal mais evidente que ele aponta como credencial do seu apostolado é trazer no seu corpo as marcas de Cristo Crucificado (Gal 6,17).

O sinal supremo que Jesus dá do seu apostolado aos homens é o sinal da cruz. *“Cristo não nos enviou a baptizar, mas a pregar o Evangelho, e sem recorrer à sabedoria da linguagem, para não esvaziar da sua eficácia a cruz de Cristo. A linguagem da cruz é certamente loucura para os que se perdem mas, para os que se salvam, para nós, é força de Deus”* (1 Cor 1,17-18).

São Paulo insiste muitas vezes neste ponto nas suas cartas. *“De facto, Deus pôs-nos a nós, apóstolos, no último lugar, como condenados à morte, porquanto nos tornamos espectáculo para o mundo, para os anjos e para os homens... Nós somos loucos por causa de Cristo... fracos... desprezíveis”* (1 Cor 4,9-10). Aos Coríntios, Paulo a cada passo faz menção das tribulações que sofreu por causa da fé. Ele irá mesmo ao ponto de dizer que transporta no seu corpo *“a agonia de Jesus”*.

A mesma imagem da partilha da morte voltará como conclusão na Carta aos Gálatas. Depois de sete capítulos de discussão em que Paulo faz desfilir todos os argumentos possíveis para legitimar a sua missão, apresenta como último argumento: *“Eu tenho no meu corpo as marcas de Jesus”* (Gal 6,17). A marca mais convincente da sua autenticidade apostólica são as marcas de Jesus Crucificado.

É essa marca que Lucas põe em relevo consagrando metade da narrativa dos Actos dos Apóstolos à viagem de Paulo para o cativo em paralelo com a paixão de Cristo.

Paulo está convencido que a transparência da mensagem é muito mais importante que a sua própria actividade apostólica. *“Não nos pregamos a nós próprios, mas a Cristo Jesus, o Senhor. Pois Deus que disse das trevas resplandecesse a luz, é que brilhou nos nossos corações para que irradiemos o conhecimento da glória de Deus que se reflecte na face de Cristo”* (2 Cor, 4,5-6). Aos Gálatas diz: *“Aprove a Deus revelar o seu Filho em mim”* (Gal 1,16).

O seu ministério não era portanto dele; ele era apenas um candelabro que não fazia mais senão deixar passar a luz. Nele *“resplandece a luz de Cristo, que é a imagem de Deus”* (2 Cor 4,4). A primeira atitude do missionário é tornar transparente este candelabro, limpar a opacidade com que por vezes as nossas nódoas mancham a luz.

A missão em parábolas – O Cristo sem mãos

Quando, em Maio de 1945, terminou a Segunda Guerra Mundial, como é sabido, a Alemanha foi ocupada pelas tropas dos países vencedores: os americanos, os ingleses e os russos. Estes soldados, quando chegaram, encontraram tudo destruído, muitas vezes pelas bombas que eles próprios tinham lançado durante a guerra.

Várias vezes os aliados resolveram reconstruir, suportando as despesas, edifícios públicos que tinham destruído, nomeadamente igrejas e conventos. Basta recordar o mosteiro do Monte Cassino, na Itália, e a igreja ortodoxa de Colónia, na Alemanha.

Ora aconteceu que, numa pequena cidade alemã, os soldados americanos encontraram destruída uma pequena igreja paroquial de grande devoção entre o povo. Resolveram então reconstruir essa igreja: era uma reparação que faziam àquele povo, vítima como tantos das injustiças da guerra.

Quando removiam os destroços para proceder à reconstrução, um soldado encontrou a cabeça de um Cristo crucificado, muito antigo e que logo lhe pareceu de grande valor artístico.

O soldado ficou impressionado com a beleza daquele rosto, mostrou-o aos companheiros e logo nasceu a ideia de procurar os outros pedaços daquele Cristo destruído, para o devolver à sua antiga imagem. Todos se lançaram cuidadosamente a rebuscar entre os escombros até que, pouco a pouco, lá foram descobrindo os pedaços que faziam parte daquela imagem de Cristo Crucificado. Com a paciência de sábios arqueólogos, foram colocando as peças até que o Cristo ficasse reconstruído. Mas, no final, por mais que mexessem e remexessem entre os escombros, não conseguiram recuperar as mãos de Cristo. Terminada a reconstrução da igreja, mesmo assim decidiram colocar no altar-mor o Cristo recuperado, mas sem as mãos. Então, um soldado colocou aos pés do Crucifixo a seguinte inscrição: *“Este Cristo agora tem apenas as tuas mãos”*.

Este episódio pode bem ser uma parábola sobre a nossa vida missionária. A Igreja que sonhamos tem sido mortificada pelas convulsões do nosso tempo. É neste mundo em transformação que, como São Paulo, nós temos de construir uma Igreja renovada e refazer o rosto de Cristo. O rosto deste Cristo é o mesmo mas as suas mãos só as poderemos encontrar nas nossas comunidades e nas nossas vidas voltadas para o futuro.

Adélio Torres Neiva, *S. Paulo e a Missão sem Fronteiras*

Enviados em missão

A descoberta de Jesus conduz ao testemunho

Verificamos no Evangelho que aqueles que descobrem Jesus Cristo como Messias, ou seja, como salvação para os homens, não guardam essa descoberta só para eles. Vão comunicar aos outros. Ficam de tal modo maravilhados que não podem esconder a alegria da descoberta. Tornam-se testemunhas de Jesus, vão anunciá-Lo a outros e conduzem-nos a Jesus. Isto acontece constantemente no Evangelho de São João. Por exemplo, André é dos primeiros a descobrir Jesus como Messias. Logo vai chamar o seu irmão Simão “e levou-o a Jesus” (Jo 1,35-42). Realmente, a importância que o Messias tinha para todo o povo israelita não permitia guardar para si ou conservar oculto este encontro. O mesmo sucede à samaritana. Quando vem a conhecer a verdadeira identidade de Jesus, vai dar testemunho d’Ele aos samaritanos (Jo 4,28-30).

De facto, Jesus Cristo não é um acontecimento privado. Quem acredita na ressurreição toma consciência que uma nova vida é oferecida a todos os que acreditam. É um acontecimento universal destinado a transformar a história dos homens. Jesus Cristo é dom de Deus para todos. Acreditar n’Ele é descobrir uma nova existência, é segui-Lo, é configurar-se com Ele, é entregar-se ao serviço do reino para que a vida nova da ressurreição possa chegar a outros.

O testemunho alicerça-se numa experiência vivida

Os Apóstolos não só ensinam o que aprenderam. Antes de mais, comunicam o que eles próprios vivem: “O que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos apalparam acerca do Verbo da vida (...) o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos” (1 Jo 1,3). Eles apresentam-se como testemunhas que viveram os acontecimentos e foram transformados por eles. É uma experiência vivida que anunciam.

Também Jesus se apresentara como testemunha do Pai: “Eu vim ao mundo para dar testemunho da verdade” (Jo 18,37). O testemunho de Jesus traduz-se na novidade e profundidade das Suas palavras, dos Seus gestos impressionantes, no Seu estilo invulgar e cativante, na intimidade com o Pai, e sobretudo na Sua entrega incondicional por nós. Onde se alicerça este testemunho? Na comunhão de vida com o Pai, na Sua experiência de Filho de Deus: “Falamos do que conhecemos e damos testemunho do que vimos” (Jo 3,11; cf Jo 8,14-18-26). Jesus Cristo apresenta-se assim como testemunha fiel que comunica aos homens o que viu e ouviu no seio do Pai.

A pedagogia do testemunho vem do Antigo Testamento e tem uma tradição que percorre toda a Bíblia. Também os profetas do Antigo Testamento se apresentam como testemunhas totalmente comprometidas com a missão que lhes é confiada.

Concluimos que o testemunho é a forma de anúncio apropriada à mensagem cristã. O cristianismo não é uma filosofia de vida, ou uma ideologia político-social que se possa ensinar. É acima de tudo uma comunhão de vida com Deus que transforma a vida e a história dos homens. É a presença libertadora de

Deus que dá significado e apoio à nossa existência. É uma realidade experimentada que não se transmite, nem se capta adequadamente pelo ensino, mas pelo testemunho.

Manuel Pelino, António Marto, *Esta é a nossa fé – Catequese para o povo de Deus, 1º vol, 1º Encontro – A fé que nos gloriamos de professar*



▪ **São Paulo diz “fui alcançado por Cristo Jesus” (Fil 3,12). Ele viveu um encontro com Cristo que transformou a sua vida e o tornou um grande evangelizador. E tu, já te deixaste alcançar por Cristo?**

▪ **Segundo São Paulo, quais são as principais características de um apóstolo?**



Pesquisa no YOUCAT

92



Oração

Tende entre vós os mesmos sentimentos

Que estão em Cristo Jesus:

Ele, que era de condição divina,

Não considerou como uma usurpação

Ser igual a Deus;

No entanto, esvaziou-se de si mesmo,

Tomando a condição de servo.

Tornando-se semelhante aos homens

E sendo, ao manifestar-se, identificado como homem,

Rebaixou-se a si mesmo,

Tornando-se obediente até à morte

E morte da cruz.

Por isso mesmo

É que Deus o elevou acima de tudo

E lhe concedeu o nome

Que está acima de todo o nome,

Para que, ao nome de Jesus,

Se dobrem todos os joelhos,

Os dos seres que estão no céu,

Na terra e debaixo da terra;

E toda a língua proclame:

Jesus é o Senhor,

Para glória de Deus Pai.

São Paulo, Fil 2,5-11



Ler mais

• *Um ano a caminhar com São Paulo, D. Anacleto de Oliveira, catequese 4 e 14*

Tema 4

Ide e fazei discípulos

“«Caritas Christi urget nos – o amor de Cristo nos impele» (2 Cor 5, 14): é o amor de Cristo que enche os nossos corações e nos impele a evangelizar. Hoje, como outrora, Ele envia-nos pelas estradas do mundo para proclamar o seu Evangelho a todos os povos da terra.”

Papa Bento XVI, Carta Apostólica Porta Fidei, 2011

**Visualização do vídeo “This is discipling”**

Link para youtube: <http://youtu.be/EookWcKpWgc>

Link para descarregar o ficheiro em formato .avi: <http://db.tt/S1E3pcww>

“Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura”.

Jesus convida os discípulos a deixarem Jerusalém, a deixarem o mundo judaico, o seu mundo, para irem ao encontro de outros mundos, outros ambientes, outras pessoas, porventura desconhecidas, e partilharem com elas o Evangelho, a Boa Nova da salvação, a própria experiência vivida no discipulado com Jesus.

Evangelizar é, antes de mais, partilhar a própria experiência cristã, o encontro com Cristo, que fez mudar a própria vida.

Tornou-se célebre a afirmação do Papa Paulo VI, na exortação apostólica sobre a evangelização (8 de Dezembro de 1975): «O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas que os mestres ou então, se escuta os mestres, é porque são testemunhas» (41).

O Papa Paulo VI recorda-nos que o testemunho é indispensável para o anúncio do Evangelho. O «Ide e ensinai» tem de ser acompanhado de credenciais que tornem credível o ensino, a mensagem e o mensageiro.

O ensino pressupõe o discipulado. Foi o que fez Jesus: antes de enviar os discípulos a anunciar o Evangelho, fê-los fazer uma forte experiência de discipulado, vivendo com Ele, caminhando com Ele pelas estradas da Palestina, encontrando as pessoas, escutando e vendo com os próprios olhos os seus gestos e as suas escolhas de vida, fazendo a experiência de uma nova realidade: o Reino de Deus que se tornava forma de vida, história quotidiana.

É esta experiência de vida com o Mestre que torna os discípulos capazes de viver o Evangelho, de o testemunhar com a própria vida e de o anunciar corajosamente, realizando o mandato do «Ide e ensinai».

Discipulado significa meter-se a caminho, como os apóstolos com Jesus, para aprender a viver a vida ao estilo do discípulo, aprender como tornar presente Deus e o Reino, na complexa realidade do nosso mundo.

Discipulado significa caminhar com Cristo, estar com Ele, e aprender dele, para dar cumprimento ao seu mandato, de «ide e ensinai».

Estou convencido que quem se sente continuamente e para sempre discípulo, quem assume o estatuto cristão de discípulo, é que é capaz de se tornar testemunha, hoje, amanhã e sempre.

Discipulado significa grande disponibilidade e abertura para aprender com todos, ter sempre sede de melhorar e fome de mudar, para poder estar à altura dos problemas de hoje, dando uma resposta sem-

pre mais adequada, verdadeira e autêntica, estando sempre prontos a dar a razão da própria esperança a todo aquele que a peça (1 Pe 3,15).

Discipulado significa viver em permanente discernimento para compreender melhor como viver hoje a fé, como partilhá-la; como testemunhá-la, como contagiar os outros com ela; como ler e interpretar os sinais de sentido e de esperança; como decidir-se, com escolhas livres e responsáveis, para oferecer sentido e sinais de esperança.

Ser discípulo para ser apóstolo, para realizar o «ide e ensinai», para tornar perceptível o Evangelho e os «milagres» que ele opera em quem o acolhe.

Este é o dinamismo que urge recuperar: ser discípulos para se tornarem testemunhas e poder, de verdade, ensinar. Fazer um ensinamento novo, como o de Jesus, que se funda sobre o testemunho e não meramente sobre o conhecimento.

O mundo tem necessidade de testemunhas. Para evangelizar o mundo de hoje é necessário assumir o modelo da Igreja primitiva de Jerusalém, formada por pessoas que tiveram uma forte experiência espiritual que mudou as suas vidas, e que experimentaram a força da comunidade até ao ponto de serem um só coração e uma só alma.

A comunidade cristã, a Igreja, para cumprir a missão universal do «ide e ensinai» que o Senhor Jesus lhe confiou, não pode limitar-se a ensinar, mas a ensinar e testemunhar.

É relativamente fácil ser mestre, mas muito mais difícil ser testemunha. No mundo de hoje não faltam mestres, verdadeiros e falsos, mas escasseiam as testemunhas. A testemunha fala com a vida, com a coerência, com a humildade, com a atitude de disponibilidade, com a concepção da vida como serviço, como dom recebido para ser doado, com a generosidade, com a doação a exemplo de Cristo.

A voz das testemunhas é muito mais forte que as dos mestres, porque nelas ressoa uma profundidade de vida que vem do discipulado. As palavras das testemunhas estão carregadas de vida e têm um peso enorme, têm a capacidade de insidiar-se no mais profundo dos corações e de gerar novos estilos de vida.

As palavras das testemunhas são plasmadas pelas Palavras de Deus, por isso têm a capacidade de tocar os corações, de os converter e de se tornarem luz de um novo caminho.

O desafio é, pois, ser testemunhas para adquirir a capacidade e a força para dar cumprimento ao «ide e ensinai». Testemunhas que tornem a Palavra de Deus vida da própria vida, pão quotidiano que alimenta os próprios compromissos, luz que faz ver que escolhas fazer para ser verdadeiros cristãos.

O desafio é, pois, ser mais e melhores testemunhas, para ensinar a todos a beleza e a profundidade do discipulado e do seguimento de Cristo Ressuscitado.(...)

Aos jovens, o Papa desafia a tornar visível a presença de Deus, a abrir fronteiras e a criar espaços de amizade.

Dar visibilidade à fé e à presença de Deus no mundo, através de uma vida crente e coerente com o Evangelho. Abrir fronteiras para que o anúncio chegue mais longe. Criar espaços de amizade que abram caminhos para a fraternidade e para a universalidade da comunhão e que “torne visível que é bom estarmos com Deus e que Deus está connosco”.

Assumi a maravilhosa aventura de crer, de dizer e testemunhar a própria fé na própria vida, de ser discípulos que seguem Cristo e apóstolos que o anunciam.(...)

Que o encontro com Cristo Eucaristia reforce a vossa fé, revigore a vossa esperança e leve “a responder com amor a Quem por amor se entregou por nós”.

D. Joaquim Mendes, Bispo Auxiliar de Lisboa, Homília, Missa das Universidades, Outubro 2011

O Espírito Santo nos é dado

Quando celebramos a Páscoa, a Morte e a Ressurreição de Jesus, celebramos a Sua gloriosa Ascensão, a Sua subida ao Céu, deixando este mundo e confiando à Igreja, que somos nós todos, a missão de realizar o Seu projecto, a Sua obra. E, no Dia de Pentecostes, o Espírito Santo nos é dado para termos, dentro de nós, a luz e a força que nos tira o medo e a vergonha, para vivermos aquilo em que acreditamos e testemunharmos aos outros essa fé, na vida de todos os dias.

Os Apóstolos estavam fechados numa sala, no Cenáculo, vendo o que se passava em redor: uma multidão de judeus, que tinha vindo de vários pontos, para celebrar a festa anual do Pentecostes, festa da entrega das Tábuas da Lei a Moisés, no Monte Sinai, e festa das novas colheitas. Então, diz-se, Deus manifestou-Se até através das forças da natureza: vento forte, um fogo abrasador, um ruído, uma chamada de atenção que coloca Moisés diante de Deus numa atitude de adoração e o povo numa atitude de expectativa, aguardando aquilo que seria a revelação de Deus a Moisés.

O sentido do dever e da missão

No novo Pentecostes, fez-se também sentir um vento impetuoso e línguas de fogo desceram sobre os Apóstolos, lembrando o que se tinha passado no Sinai. Agora, porém, opera-se uma grande transformação. Eles, que estavam metidos em casa com medo, com certo receio de vir para a rua, sobre o modo como seriam acolhidos, sentiram muito vivamente a obrigação que tinham de levar o Evangelho de Jesus a todos. Era um dilema: por um lado, o sentido do dever e da missão; por outro, uma certa inibição interior, uma certa timidez e dificuldade em enfrentar a multidão.

Os Actos dos Apóstolos dizem que eles se encheram de força e de coragem, saíram de casa e foi extraordinário aquilo que aconteceu: as pessoas entenderem-se, mesmo falando línguas diferentes. Fez-se ali uma grande comunidade, em que todos estavam sintonizados naquela unidade, que brota da linguagem universal da fé. Também hoje podemos estar dispersos por esse mundo fora, mas, onde se encontram pessoas que têm os mesmos princípios e convicções, de imediato se sentem solidárias, como irmãos, usando a linguagem da fé.

A luz e a força do Espírito

Os Apóstolos estavam fechados naquela sala de cima. Há muita gente que quer viver a sua fé só em casa, mas não pode ser. Reparai: a luz e a força do Espírito manifestaram-se de uma maneira extraordinária, tirando-os de casa e lançando-os na missão, levando a fé para a rua.

Então na nossa casa não se vive a fé? Em casa, sim, mas também onde quer que se esteja. Em todos os espaços onde vivemos a nossa vida, aí temos de dar testemunho da fé, dos princípios e valores em que acreditamos. A fé é para a vida, não apenas para os momentos de privacidade ou de passagem por uma igreja, mas também na família, na escola, na fábrica, no escritório, em qualquer meio laboral, em qualquer grupo desportivo ou cultural, onde quer que cada um viva a sua vida.

Queridos amigos, precisamos de renovar e transformar este mundo. Tanta gente reclama, dizendo que há muita coisa mal, muita mentira, corrupção, injustiça, muita coisa para transformar. Não custa fazer um catálogo, uma lista das coisas que nos parecem mal. Há pouco repetimos, cantando: "mandai Senhor o vosso Espírito e renovai a terra". Renovar é tornar novo. Mas se queremos, hoje, uma terra e um mundo novos, uma cultura e uma civilização com novos valores, não pensemos que isto se faz por milagre ou por intervenção directa do Céu. Cristo trouxe a mensagem, confiou-a à Igreja que somos todos nós, e é connosco que se pode fazer um mundo novo. A luz e a força do Espírito são dons para que

cada um de nós assuma as suas próprias responsabilidades nesta transformação do mundo, para que este se torne cada vez mais “Reino de Deus”.

D. António Carrilho, Bispo do Funchal, Homília, Maio 2009



▪ **«Ide por todo o mundo!» Jesus está a falar contigo. Qual é a tua resposta?**

▪ **Em grupo, a partir da leitura Mt 28,18-20, sai a evangelizar. Com a entrega de uma mensagem, com uma oração ou um cântico, anuncia Cristo ao mundo!**



Pesquisa no YOUCAT

11,123,354



Oração

Envia-nos Senhor...

Para que sejamos instrumentos da Tua paz nas nossas famílias, nas nossas relações, nas vidas de todos os que se cruzam connosco.

Envia-nos Senhor...

Para que anunciemos a Boa Notícia da Tua Ressurreição nos nossos locais de trabalho, nas faculdades, em todos os locais que fazem parte da nossa vida quotidiana.

Envia-nos Senhor...

A todos os que sofrem e não encontram sentido para as suas vidas. Que saibamos levar-lhes a alegria que nasce do Teu Evangelho e ajudá-los a descobrir o sentido profundo da vida.

Envia-nos Senhor...

A todos os que se encontram sós, para que, através de nós, sintam a Tua presença e companhia.

Envia-nos Senhor...

Como enviaste a tantos que já deram a vida pelo Evangelho.

Envia-nos Senhor...

A contagiar o mundo com a Tua alegria e esperança.

Envia-nos Senhor...

A todos os que ainda não ouviram falar de Ti para que Te conheçam e Te amem.

Envia-nos Senhor...

Para que todos “tenham vida e a tenham em abundância”.

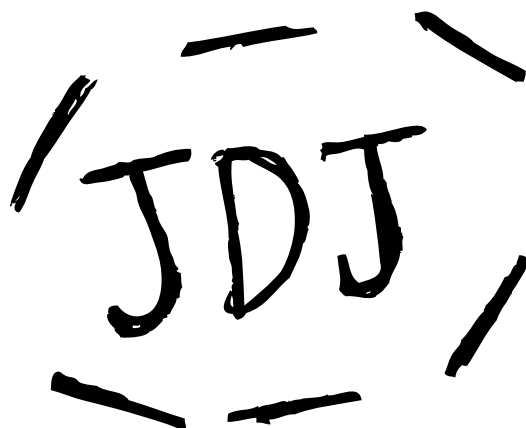
Envia-nos Senhor...

Congregação das Escravas do Sagrado Coração de Jesus

**Ler mais**

- *Catecismo da igreja Católica, 849-856*
- *O anúncio do Evangelho, Paulo VI*
- *Um ano a caminhar com São Paulo, D. Anacleto de Oliveira, catequese 7*

Este tema serve de preparação para a Jornada Diocesana da Juventude!
Vai ao nosso site www.juventude.patriarcado-lisboa.pt e envia-nos as fotos e os testemunhos da acção evangelizadora feita pelo teu grupo.

**21 Abr**

X Jornada
Diocesana
da Juventude



Ide e fazei
discípulos
de todas
as nações

3º BLOCO

Abril 2013 > Junho 2013



Tema 5
A fé vivida

Tema 6
A fé celebrada

Tema 5

A fé vivida

“A renovação da Igreja realiza-se também através do testemunho prestado pela vida dos crentes: de facto, os cristãos são chamados a fazer brilhar, com a sua própria vida no mundo, a Palavra de verdade que o Senhor Jesus nos deixou.”

Papa Bento XVI, Carta Apostólica Porta Fidei, 2011



Fazer da vida diária um testemunho de Fé

Muitas realidades materiais, técnicas, económicas, sociais, políticas, culturais..., abandonadas a si mesmas, ou nas mãos de quem carece da luz da nossa fé, convertem-se em obstáculos formidáveis à vida sobrenatural: formam como que um couro cerrado e hostil à Igreja. Tu, por seres cristão – investigador, literato, cientista, político, trabalhador... –, tens o dever de santificar essas realidades. Lembra-te de que o universo inteiro – escreve o Apóstolo – está a gemer como que em dores de parto, esperando a libertação dos filhos de Deus.

Já falámos muito deste tema noutras ocasiões, mas permiti-me insistir de novo na naturalidade e na simplicidade da vida de S. José, que não se distinguia da dos seus vizinhos nem levantava barreiras desnecessárias.

Por isso, ainda que possa ser conveniente nalguns momentos ou em algumas situações, habitualmente não gosto de falar de operários católicos, de engenheiros católicos, de médicos católicos, etc., como se se tratasse de uma espécie dentro dum género, como se os católicos formassem um grupinho separado dos outros, dando assim a sensação de que existe um fosso entre os cristãos e o resto da humanidade. Respeito a opinião oposta, mas penso que é muito mais correcto falar de operários que são católicos, ou de católicos que são operários; de engenheiros que são católicos ou de católicos que são engenheiros. Porque o homem que tem fé e exerce uma profissão intelectual, técnica ou manual, está e sente-se unido aos outros, igual aos outros, com os mesmos direitos e obrigações, com o mesmo desejo de melhorar, com o mesmo empenho de enfrentar os problemas comuns e de lhes encontrar a solução. O católico, assumindo tudo isto, saberá fazer da sua vida diária um testemunho de Fé, de Esperança e de Caridade; testemunho simples, normal, sem necessidade de manifestações aparatosas, pondo de manifesto – com a coerência da sua vida – a presença constante da Igreja no mundo, visto que todos os católicos são, eles mesmos, Igreja, pois são membros, com pleno direito, do único Povo de Deus.

São Josemaria Escrivá, Sulco ; Cristo que passa

Uma das vias privilegiadas para revelarmos Jesus Cristo aos homens de hoje, é a vida quotidiana. É na vida de cada dia que havemos de testemunhar este encontro de Jesus Cristo. Se Cristo Se quis encontrar com os homens, fazendo-Se um de entre eles, a Sua acção salvífica há-de prolongar-se sempre por este mesmo processo da encarnação.

Um leigo não pode simplesmente contentar-se com orar pela salvação dos seus irmãos, nem mesmo com tentar testemunhar-lhes a sua caridade, por alguns actos de beneficência ou por simples boas

palavras, mas é chamado por vocação a dar testemunho de Cristo no mais íntimo da sua existência. Quer isto dizer que tem de comprometer-se, efectivamente, ao serviço de seus irmãos, trabalhando pela promoção deles nos diferentes domínios: económico, político ou social. O esquema sobre o apóstolo dos leigos afirma que eles devem começar a actuar dentro de si mesmos, pela santificação do mundo à maneira do fermento no meio da massa, a fim de manifestar Cristo aos outros.

Jean Lafrance, Permanecer em Deus, 1990, pp. 131-132

[Testemunhos]

Ricardo Baptista Leite, M.D., M.P., Deputado à Assembleia da República

Médico com formação específica em Infecçiology / Assistente Convidado da Faculdade de Ciências Médicas (Universidade Nova de Lisboa)

Fé vivida

Ao reflectir sobre a minha fé e a forma como se traduz no meu dia-a-dia, as palavras de São Marcelino Champagnat ecoam constantemente no meu consciente quando anunciava a sua missão de formar “bons cristãos e virtuosos cidadãos”. Assim, fica evidente que a minha raiz de aluno Mariano – do movimento dos Irmãos Maristas – é indissociável a este meu percurso e condiciona a minha acção a cada momento, procurando cumprir com o seu desígnio, enquanto cristão e cidadão.

Hoje a minha vida vive-se entre a medicina, a academia e a política. Foi um caminho que começou a formar-se desde muito cedo.

Foi na escola primária que comecei a tornar-me ciente da minha fé em Cristo, tendo para isso muito contribuído a formação católica proporcionada pela *Regina Mundi Catholic School* onde frequentei o ensino primário em Toronto, onde nasci.

Tive a felicidade de crescer no Canadá onde interiorizei os conceitos fundamentais de cidadania, de dever cívico, de pertença à comunidade e da importância do sentido de missão em tudo o que fazemos. Foi também naquele país que aos 9 anos de idade me apaixonei pela política na sequência de uma visita de estudo ao parlamento provincial. Foi naquele momento que apreendi que nós, homens, temos a oportunidade de contribuir através da nossa acção para o bem comum. Conceito este que preservo até hoje.

Aos 12 anos de idade, vim para Portugal com o resto da minha família tendo ficado a viver no concelho de Cascais, terra que adoptei como minha. Antes de ingressar no Colégio Marista de Carcavelos, completei o meu 6º ano de escolaridade no colégio inglês St. Dominic’s International School. Esta fase transitória permitiu-me aprender as noções básicas da língua de Camões e adaptar-me a uma nova cultura. Foi então que encontrei São Marcelino Champagnat pela primeira vez e os seus ensinamentos enquadram tudo o que vim sentindo ao longo da minha infância. “Foi através dos ensinamentos Marianos que aprofundi o meu amor pela Virgem Maria e através dela por Cristo. Encontrei assim a minha missão de vida. Tudo haveria de fazer para ser um “bom Cristão e virtuoso cidadão”. Ainda hoje mantenho este objectivo com humildade e com a certeza de que poderei sempre fazer mais e melhor.

Neste contexto, pressionado pela necessidade de tomar opções no percurso académico, optei pela medicina como via para cumprir com a referida missão. Foi na Faculdade de Ciências Médicas (Universidade Nova de Lisboa) que completei a minha formação pré-graduada e onde, até hoje, continuo ligado como

docente. Aprendi nesse percurso o valor intrínseco da vida humana, a fragilidade da nossa condição e como somos realmente todos iguais no momento do nascimento e da morte. A discriminação e o estigma são pois frutos apenas do preconceito e portanto da ignorância. O meu ensinamento espiritual viu-se assim complementado em cada momento pelas aprendizagens da vida, tendo-me tornado, penso, mais tolerante e espero que melhor cristão.

Quis o destino que a política assumisse ainda maior papel na minha vida, curiosamente em plena crise nacional. Em plena execução do programa de assistência financeira internacional ao nosso país, vi-me eleito como deputado da nação. Na esfera da acção partidária assentei as minhas decisões na missão de cidadania que desde cedo me foi sendo inculcada. Um dever de qualquer cidadão e por isso também dos cristãos de contribuir para a organização e construção do bem comum.

Isto é, como cidadãos tudo devemos fazer para que o bem comum se fundamente nos princípios cristãos: da liberdade (nomeadamente religiosa), da dignidade humana, da solidariedade e do respeito pelo ambiente e pelo espaço comum.

Considero mesmo que este não é necessariamente um papel ou dever da igreja enquanto instituição (pelo menos exclusivamente) mas sim dos cristãos leigos enquanto cidadãos. Daí a separação entre o Estado e a Igreja. Compete-nos praticar a fé e procurarmos traduzir os nossos princípios e valores em acções, nunca impondo as nossas crenças mas procurando ser um exemplo na sociedade onde estamos inseridos. Eis uma das principais razões porque assumi o desafio da causa pública.

Por isso, os cidadãos católicos podem e devem estar em diferentes partidos e defender diferentes opiniões desde que procurem e defendam sempre a verdade e que sejam consistentes com os valores e princípios cristãos. Logo, é expectável que a inserção destes cidadãos se faça em sistemas ou partidos políticos que defendem uma "liberdade responsável", ou seja, não defendem regimes totalitários nem defendem regimes libertários (isto é, sem limites).

Espera-se mesmo que os católicos preservem a sua integridade moral e firmeza para, em cada momento, não ceder aos compromissos contra a sua consciência.

O Beato João Paulo II destacava a dignidade inalienável da consciência, na qual, como recorda o Concílio Vaticano II, reside «o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser» (*Gaudium et spes*, 16). Quando o homem e a mulher prestam ouvidos ao apelo da verdade, a consciência guia, com segurança, os seus atos para o bem. Eu acredito genuinamente nesta visão.

É por isso que o exemplo de S. Tomás Moro (constituído por João Paulo II Patrono celeste dos Governantes e dos Políticos) é tão inspirador. São Tomás distinguiu-se pela sua constante fidelidade à autoridade e às instituições legítimas, porque pretendia servir nelas, não o poder, mas o ideal supremo da justiça. A sua vida ensina-nos que o governo é, primariamente, um exercício de virtude. Forte e seguro nesta estrutura moral, o estadista inglês, com humildade, pôs o ser humano no centro de toda a sua atividade pública, sobretudo as pessoas que se apresentavam mais vulneráveis. Procuro inspirar-me diariamente na herança do seu legado.

Tudo se resume ao simples princípio de nos amarmos uns aos outros, como Jesus nos amou. Se formos radicais no amor a Cristo, seremos tolerantes perante os demais irmãos.

Podemos viver num mundo melhor iluminados por Deus, reflectindo o amor de Cristo sobre todos. Está nas nossas mãos.

Eu acredito. Acredite também.

Ana Rita Libório, estudante universitária

Senhor, aqui estou

Sou a Ana Rita e estou no 3º ano do curso de Economia, na Universidade Nova de Lisboa.

Após oito dias de Exercícios Espirituais, em que todos os dias rezava: "Senhor, aqui estou, que queres que eu faça? Envia-me onde quiseres!", surgiu a certeza de que me candidataria a este curso, nesta universidade, porque era Deus quem mo pedia. Não precisava de mais razões, bastava-me saber que era ali que Ele me enviava para que, no meio das minhas fraquezas e fragilidades, desse testemunho da Sua Glória e fizesse o Seu nome brilhar no meio dos universitários. Era tanto o que o Bom Deus me havia dado, que sentia dentro de mim um fogo abrasador impossível de esconder e pedia insistentemente a Deus a perseverança no propósito de amar.

Desde o primeiro dia nesta universidade que, frequentemente, rezo na Igreja Paroquial de Campolide (igreja anexa à universidade) pelos estudantes de Economia, para que encontrem em Jesus uma presença REAL e VIVA capaz de transformar tudo e para que se questionem como devem actuar para combater a crise económica e de valores que vivemos.

No meio de muitos colegas com uma vida compartimentada em gavetas (argumentando que hoje abrem a gaveta do estudo para amanhã poderem abrir a gaveta do serviço a Deus), lembro-me sempre das palavras que Santo Inácio dirigiu a São Francisco de Xavier: "Mestre Francisco, de que lhe vale conquistar o mundo inteiro, se vier a perder sua alma?". É urgente aspirar às coisas do Alto, procurar em primeiro lugar a vontade de Deus e não as nossas próprias afeições.

Procuro que a minha presença na Universidade seja um grito aos jovens de que devem empreender tudo por Deus, caso contrário, correm o risco de nada fazer na vida.

Vivo com serenidade, tentando um equilíbrio entre a acção e a contemplação, aprendendo a viver no mundo de Marta com o coração de Maria.

É com muita alegria que rezo Laudes e Vésperas nos Pátios, relvados e bancos da universidade, entre tantos estudantes que por lá circulam, absortos nos seus pensamentos, fechando as portas da sua vida à presença luminosa de Cristo.

Sinto que Jesus tem vindo a ganhar espaço nos corredores e átrios da Universidade e continua a anunciar, com o mesmo entusiasmo e poder, a bela notícia que a esperança é possível. Durante a Quaresma e o Advento, comecei a reunir-me com alguns colegas, num dos intervalos das aulas, para uma meditação diária e oração do Angelus.

Alimentada diariamente pela Eucaristia e oração do Terço, procuro sempre empenhar-me na Universidade, respondendo em fidelidade à Missão que Deus me confia agora: o estudo. Nem sempre é fácil e há cadeiras mesmo aborrecidas, porém, ofereço constantemente o sacrifício do estudo por Amor a Jesus, repetindo: "Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria."

No semestre que passou, decidimos (eu e Ele!) participar num programa de Erasmus. Foi uma experiência extraordinária!

No meio do ruído, da agitação, das festas, da música, das bebidas, da efemeridade que caracteriza tantas coisas que acontecem quando se estuda fora e que silenciam o desejo de Eternidade que habita no interior do coração humano, há jovens que decidem pôr-se a caminho e que não se contentam com uma "meia-vida". Duas estudantes que conheci em Erasmus, agora minhas amigas, tiveram a graça de, ao fim de 10 anos longe da Igreja (desde o momento em que fizeram a Primeira Comunhão!), decidirem voltar a sua Vida para Deus... e de experimentarem como Deus as recebeu, com o Seu infinito Amor! Elas experimentaram que a Confissão e a Eucaristia trazem até nós o Amor de Jesus!

Deus é AMOR! Olhem para um Crucifixo... Detenham o olhar por uns minutos e tentem perceber

quanto Jesus vos amou ao dar a vida por vocês, há uns bons séculos atrás. No Domingo, quando forem à Missa, detenham o olhar na Hóstia Consagrada e aí irão perceber quanto Jesus vos ama HOJE! Cada dia que passa, cada vez que recebo o Corpo e Sangue de Jesus na Eucaristia, mais O desejo, mais feliz sou!

Estou muito feliz por Deus ter colocado no meu coração o desejo de conduzir as pessoas ao Imaculado Coração de Maria, para assim chegarem a Jesus. Deus não nos pedirá o impossível, mas pedir-nos-á tudo o que é possível. Ele pode fazer a Sua Obra, com ou sem nós. Mas é um privilégio para nós poder-mos participar. Deus é Deus sem nós. Nós é que não somos nada sem Ele.

Só vos queria dizer para não perderem tempo com coisas desnecessárias. Desejo vivamente que procurem a Verdade, que amem a Verdade. Se gastarem todas as vossas energias na procura sincera da Verdade, irão decerto cair nos braços de Cristo! E é impossível que não se enamorem d'Ele. Procurem não se prender àquilo que de nada serve para a eternidade. Esta vida é passageira e transitória. Um dia, iremos encontrar-nos com Deus, face a face, onde contemplaremos a Sua Glória. Nesse dia, nada levaremos connosco e, quanto mais livres estivermos, maior será o Abraço entre nós e Deus! Rezo por cada um de vocês, para que encontrem o Amor de Deus na vossa Vida e respondam com generosidade, testemunhando-O nos locais aos quais são enviados.

Maria e João, empresários agro-industriais

A fé é o alicerce de toda a nossa vida

A nossa fé nasceu do encontro pessoal que fizemos individualmente, e depois em casal, com o Senhor Jesus e a 'amizade' que daí resultou mudou para sempre o nosso viver. O que nos move e dá estrutura à nossa vida é a certeza inabalável do amor do Deus trino que é Pai, Filho e Espírito Santo e que, no filho Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, viveu as alegrias e tristezas da nossa condição para através da sua vida, morte e ressurreição, nos abrir de par em par as portas da felicidade eterna. Esta fé encontra o meio ideal para se desenvolver na Igreja que Jesus fundou, presença temporal e manancial de graças do amor infinito de Deus. Percebemos assim que na vida não há coincidências e que aquilo que nos é dado viver é o caminho por excelência, lugar único onde podemos responder aos desafios que Deus nos propõe.

No nosso caso concreto, isso passa pela alegria de termos oito filhos e, depois de várias etapas profissionais, nos dedicarmos agora, quase em exclusivo, a um projecto agrícola no Alentejo de produção de azeitona para azeite que entretanto ganhou dimensões agro-industriais. Para transformar uma herdade que era de sequeiro num moderno olival, foi preciso ao longo dos últimos cinco anos passar por sucessivos investimentos: instalou-se um sistema de rega gota a gota com 1600 quilómetros de manguerias à superfície e 20 quilómetros de condutas subterrâneas, criou-se um sistema informático de gestão da rega, plantaram-se um milhão e cem mil árvores, faz-se a apanha através de um processo totalmente mecanizado e conclui-se agora a construção de um lagar capaz de transformar por dia mais de 450 toneladas de azeitona em azeite segundo os mais exigentes critérios de higiene, rigor e qualidade. A herdade passou de dois para cerca de quarenta empregados, e indirectamente, com o seu negócio, gera postos de trabalho a mais outras quatro dezenas de pessoas.

Como é que procuramos trazer a realidade da nossa fé ao dia-a-dia da nossa vida?

Em primeiro lugar, procurando ser uma família que faz da sua prática religiosa um ponto alto e natural da sua existência. Respeitando que cada um dos membros da família tem que descobrir e desenvolver a sua relação pessoal e única com Deus, estabelecemos que a prática religiosa é o denominador comum

da nossa vida de família com a mesma simplicidade de tudo o mais que vivemos. Salvo excepções, vamos todos à mesma Missa ao Domingo. Cada um se prepara à sua maneira... aos mais novos explicamos-lhes antecipadamente o Evangelho que vai ser proclamado e lembramos-lhes para levarem o seu missal. Os momentos em comum são sempre ocasião de acção de graças. Às refeições, são já os mais pequenos que não deixam que se comece a comer – nem que haja visitas que até podem ser agnósticos ou ateus – sem que primeiro se tenha rezado. Outras alturas em que estamos juntos – andar de carro, por exemplo – são frequentemente utilizadas para a recitação do terço e/ou discussão sobre temas da fé ou da actualidade religiosa. As nossas férias incluem por regra uma dimensão espiritual: há sempre um quê de peregrinação e um partir à descoberta de mais maravilhas que Deus nos confia neste mundo. Escusado será dizer que se presume tudo o resto de uma vida segundo os valores cristãos. Estes manifestam-se, entre outras coisas, no trabalho sócio-caritativo em que cada membro da família se empenha mas onde há também espaço para uma acção caritativa da família como um todo em determinados projectos como as propostas que nos vêm da nossa paróquia.

Em segundo lugar, vivendo a nossa actividade profissional com o mesmo espírito. Isso inclui a escolha de um projecto eticamente sustentável. Não foi indiferente para nós pegar numa actividade que é primária e essencial à sobrevivência, como a agricultura. Aceitar este desafio representava uma série de adaptações e aprendizagens. Sentimos como nossa obrigação fazer as coisas especialmente bem, correctas. Se nem todos os bons gestores são cristãos, um cristão deve ser um gestor consciencioso, prudente e rigoroso no planeamento e na execução de qualquer projecto. Por isso, não partimos para esta missão sem antes fazer bem o "trabalho de casa" que consiste em preparar toda a construção de uma empresa para que seja criadora de valor e de emprego.

Ao lançarmo-nos nesta aventura, pusemos a fasquia bem alta: tentamos implementar os princípios da doutrina social da Igreja, eliminando injustiças, procurando a dignificação de cada um dos colaboradores e do trabalho, promovendo a harmonia e o bem estar de cada um. Mas nem sempre isto é logo possível. Contudo, não deixamos que a frustração de não atingir ainda ou plenamente estes objectivos nos leve a desistir de lutar por eles. Procuramos não nos esquivar às nossas obrigações. No mundo subsistem ainda situações difíceis de aceitar ou até de justificar, mas que não se podem alterar unilateralmente sob pena de se criarem rupturas a nível das próprias famílias envolvidas e até no funcionamento da empresa. Para ver um exemplo: ainda hoje no mundo agrícola alentejano, pelo mesmo trabalho, as mulheres ganham menos que os homens. Quando tentámos pôr fim àquilo que nos parecia inaceitável, tivemos dois resultados indesejáveis: não só isso criava problemas nas relações dentro das famílias, como os homens se recusavam a trabalhar pelo mesmo estipêndio. Tivemos que recuar e aceitar que ainda não há espaço para essa medida. Entretanto, procuramos discretamente compensar as colaboradoras, atribuindo-lhes periodicamente bens produzidos na empresa, em especial azeite, e proporcionando-lhes transporte gratuito para a deslocação entre a sua habitação e o local de trabalho.

Do mesmo modo, as relações com fornecedores e clientes estão sujeitas a esse código de honra que faz os bons negócios e que, apesar de já não nos lembrarmos disso, é na sua origem profundamente cristão. As negociações até podem ser duras, mas, uma vez fechado o acordo, honra-se escrupulosamente e com clareza a palavra do compromisso.

Por outro lado, esforçamo-nos por testemunhar junto de todos a consciência – que é nossa – de que é Deus quem nos conduz. Assim, todos os anos pela altura da colheita, pedimos ao nosso Pároco que venha abençoar os primeiros frutos, pelo que chamamos todos os colaboradores, diversos fornecedores e vizinhos. Esta cerimónia é realizada dentro do horário de trabalho para que todos se possam sentir incluídos e possam estar presentes. Do mesmo modo, numa grande reunião profissional anual com pessoas do sector, começamos sempre o encontro com Missa e isso faz parte do programa oficial do encontro. Evidentemente que quem não quer vir não vem, mas até para esses é dado o tom inequivocamente cristão do encontro.

Não fica nenhum compartimento da nossa vida fora da alçada da nossa fé. Quer seja na vida de família, na vida profissional, no lazer, nas relações sociais, nas ocupações culturais, o critério é sempre escolher

aquilo que é são, honesto e que seja agradável a Deus. Procuramos descobrir o projecto de Deus para nós, pois sabemos que só na sua concretização seremos verdadeiramente livres e felizes. Tudo hierarquizamos a esse projecto. Sem complexos, agradecendo a Deus as coisas boas que temos, mas de tudo, dispondo com humildade e bom senso.

O segredo desta vida pode ser explicado pela máxima que a Beata Madre Teresa de Calcutá costumava apresentar:

"O fruto do silêncio é a oração;

O fruto da oração é a fé;

O fruto da fé é o amor;

O fruto do amor é o serviço;

O fruto do serviço é a paz."

Irmã Marta Alves, Serva de Nossa Senhora de Fátima

"Uma vocação dentro da vocação"

A irmã Marta Alves, de 38 anos, testemunha ser chamada a "viver o tempo de doença em comunhão com as pessoas doentes e não doentes". Em entrevista ao Jornal *Voz da Verdade* - Julho 2012), esta religiosa Serva de Nossa Senhora de Fátima, natural de Turquel, convive com um cancro que, embora terminal, não retira o sorriso a quem vive a alegria de uma entrega diária a Deus.

(excerto da entrevista por Nuno Rosário Fernandes, Voz da Verdade, Agosto 2012)

Por vezes, Deus coloca desafios ao ser humano que o 'obrigam' a colocar a própria vida nas Suas mãos. A irmã Marta tem vindo a fazer ao longo dos últimos tempos um caminho neste sentido. Como tem sido a sua experiência de convivência com a doença?

Eu fiz um périplo na minha vida como irmã. Estive em Coimbra a terminar os estudos, depois estive na Amareleja, no Alentejo, passei por Bruxelas e desde o final do ano de 2010 que estou em Portugal. Passado pouco tempo, foi-me detectado um cancro da mama. Como é óbvio, não estava nada à espera, e foi, por isso, uma surpresa! Mas nós, irmãs, desde o início que vemos aí a mão de Deus, porque eu não estava para vir para Portugal mas para Moçambique. Já tinha o passaporte e estava tudo orientado para ir para África. Mas, por várias circunstâncias da Congregação, fui chamada a Portugal. Por isso, vemos aí a mão de Deus porque, provavelmente, em Moçambique seria mais complicado fazer o diagnóstico e, ao chegar lá, não iria logo ao médico. Este cancro foi diagnosticado no dia 13 de Maio do ano passado, e comecei a fazer quimioterapia no dia 28 de Junho. Fui operada, fiz uma mastectomia em Novembro, a seguir radioterapia, e quando já esperávamos que estivesse tudo mais ou menos em ordem, passado pouco tempo, percebemos que estava com metástases ósseas e hepáticas. Eu sei que não terei muito tempo de vida. Como é que eu vivo isso? Desde o princípio não foi propriamente uma má notícia! Deixou-me um nervoso miudinho, claro. Mas eu encarei esta doença na perspectiva de que nós, irmãs, vivemos a vida comum das pessoas. E faz parte estar doente. Como irmã, é quase uma vocação dentro da minha vocação, que é a de partilhar a vida real de muitos pais e de muitas mães. Por isso, não foi propriamente uma má notícia. É claro que é complicado quando nos confrontamos com a quimioterapia... Eu sou seguida no IPO de Lisboa e são muitas pessoas, de todas as idades, que vemos todos os dias. Daí dizer que é uma maneira de viver a vida normal.

Por vezes, quando há o confronto com a doença, a tentação é a da revolta...

Revoltar-me nunca foi uma tentação que eu tivesse. A nossa vida está nas mãos de Deus e Ele, melhor do que nós, sabe o que é bom. À partida, uma doença em si mesma não é boa. Porém, estas coisas, não sabemos medi-las. Não sabemos o que é bom ou o que é mau. É melhor estar doente ou ter saúde? Pois, em princípio é melhor ter saúde, mas mais importante que a saúde é muitas outras coisas: a paz, a alegria, a partilha, a amizade... Não! Eu nunca me revoltei contra Deus! Até pelo contrário, penso e a minha fé diz-me isso, que Deus está muito presente nesta minha situação como em toda a nossa vida normal de todos os dias.

Este é um tempo de missão?

Sim! Sou chamada a viver este tempo de doença em comunhão com as pessoas doentes e não doentes, em Igreja, vivendo a minha vida oferecida a Deus, tal como já estava anteriormente...

Nunca perdeu a alegria que tem?

Não! E reconheço que é de facto um dom de Deus.

O que diria a quem vive neste momento a mesma situação de doença?

Cada pessoa terá de fazer o seu próprio caminho. A doença faz parte da vida e todos somos um bocadinho doentes, até mesmo das relações, o que é bem pior! Mas a vida é possível e há coisas bem mais importantes do que ter saúde. Muitas vezes, na doença, vivemos etapas muito interessantes da vida que envolvem mesmo as pessoas que vivem ao nosso redor, manifestando muita proximidade.



▪ **Quando não estás na Igreja ou no grupo de jovens, dás testemunho cristão? E como reagem os que te rodeiam?**

▪ **Tu és cristão e fazes parte do mundo. Como pensas fazer a tua parte para o tornares um lugar melhor?**

**Pesquisa no YOUCAT**

66;138;139;373 ;376;440;443;444

**Oração**

Que cada marca tua seja sinal de Deus,
Que cada palavra proclamada seja apenas reflexo
Daquele que te consagrou profeta,
Que na simplicidade dos teus pequenos gestos
Se manifeste a grandeza da Divina Caridade.

Possa Deus escrever, em ti e através de ti,
A história da tua comunidade
Na alegria que semeias,
Na paz que constróis,
Na esperança que transmites
E na fé que te anima e contagia os outros.

Seja Deus o motor principal das tuas andanças,
Mesmo quando sentes que estás perdido e sozinho,
Deixa que Deus pegue na tua mão
E escreva, em entrelinhas ondulantes de um mar crispado,
Uma história de paz e de perdão.

Deixa que Deus narre a tua história
Em tempos de silêncio e de deserto
À sequiosa geração que perguntará por ti:
Que caminho percorreste com outros irmãos?
Que fizeste aos talentos dados?
Que novos mundos descobriste inspirado por Deus?

Deixa, por isso, que Deus escreva a tua história.

Pe. Nélcio Pita, Deixa que Deus escreva a tua história



Ler mais

- *Compêndio da Doutrina Social da Igreja, Conselho Pontifício "Justiça e Paz"*
- *Em nome de Jesus Cristo, José Dias da Silva*

Tema 6

A fé celebrada

“É desejo ardente na mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e activa participação nas celebrações litúrgicas, que a própria natureza da Liturgia exige e que é, por força do Baptismo, um direito e um dever do povo cristão.”

Concílio Vaticano II, Sacrosanctum Concilium, 14

T

Somos convidados a cuidar da nossa fé, que é encontro com o Pai através de Jesus, pela acção do Espírito, mas fé vivida em Igreja e na Igreja, fé que tem de se tornar mais viva, mais adulta, mais amadurecida, mais convicta e convincente.

Celebrar a fé, com o coração em júbilo, celebrar a fé em atitude humilde de acção de graças, celebrar a fé em obras de caridade, de serviço, de apostolado apaixonado. Celebrar a fé que o Concílio Vaticano II quis avivar no nosso ser, no nosso coração, nas nossas comunidades, na Igreja universal. Com fé mais viva e mais amadurecida, com uma adesão mais profunda ao Amor que Deus é, poderemos aperceber-nos, mais e melhor, da graça do Concílio, ler e estudar os seus documentos, viver as suas directivas em Igreja, em comunhão de irmãos e irmãs.

Ter fé, viver da fé, crescer na fé não é só acreditar numas verdades, aceitar uns dogmas. A fé é adesão pessoal ao Amor. Ter fé é acreditar que Deus é Pai, origem de todo o dom e de toda a graça. A fé é uma relação viva com Alguém. E o Pai nos enviou seu Filho, o Verbo, que, pelo Espírito, fez nascer a Igreja e nos faz viver nela. Fé alimentada pela Palavra e pelos sacramentos, vivenciada pela oração, traduzida na vida em caridade cada vez mais perfeita, em amor cada vez mais universal.

A fé, simbolizada na vela que nos foi colocada na mão no dia do nosso baptismo, acesa na luz do Círio Pascal que nos representa Jesus Cristo, Aquele que é a Luz verdadeira, que pais e padrinhos seguraram connosco e prometeram manter viva e acesa. Fé como dom de Deus, do seu amor apaixonado pela humanidade, mas também como busca e determinação nossa, cultivada e amadurecida por cada um pela graça do Espírito que nos ungiu e que está em nós. (...)

A fé vive-se em comunhão com outros. Em família, que é Igreja doméstica, selada pelo sacramento do matrimónio. Em comunidade paroquial ou religiosa, na certeza de que Jesus está presente no meio dos que rezam e vivem unidos em seu nome. Em Igreja diocesana ou universal, para descobrir mais o rosto de Jesus, seu Esposo, que deu a vida por ela na Cruz e que na Eucaristia renova sem cessar o seu dom e a sua oferta. Fé comunitária que ajuda outros a viver, a animar-se, a alegrar-se em Deus, a ser mais apóstolos, a descobrir os encantos do amor divino, a beleza encantadora da presença do amor no meio de nós.

Fé que deve sempre viver-se em clima de festa, de alegria, pois é sempre uma fé pascal, um acreditar em Jesus Ressuscitado e Vivo. Alegria que nos fará aceitar de modo evangélico a nossa cruz, as nossas dores, os nossos fracassos, os nossos pecados. A festa da fé tem de ser algo muito vivido e sentido como dom do Amor louco e apaixonado de Deus. Dizer «eu creio» deve ser vivido em alegria que nos adensa mais e mais no amor, nos fortalece a alma e nos faz viver em contínuo aleluia. Caso contrário, estamos a viver uma fé enfezada, uma fé estéril, uma fé mortiça, como a luz da vela que se está a apagar.

Dário Pedroso, Mensageiro do Coração de Jesus, Janeiro 2012

Celebrar: elemento constitutivo da fé! *Porque celebramos?*

Porque todo o homem é um celebrante. Celebrar é, antes de mais, uma actividade humana. As festas e celebrações não pertencem exclusivamente ao domínio religioso: celebram-se aniversários, festas nacionais, bodas de prata... A festa é presença universal em qualquer cultura. É um "tempo forte", especial, que rompe a monotonia do dia a dia. É celebração comunitária de qualquer coisa, desde que isso seja sentido como um valor. Uma comunidade festeja o que considera importante.

Porque todo o homem religioso é um celebrante. A celebração da fé é elemento fundamental e estruturante de qualquer religião. Festa e religião estão intimamente ligadas. Também as festas e celebrações religiosas respondem ao desejo profundo de avaliar a vida, sublinhando o essencial, e de comunhão. Contudo, introduz aí um factor novo: a relação com Deus. A festa religiosa é sempre um anseio de viver o mais próximo possível de Deus, de entrar em comunhão com ele.

Porque todo o cristão é um celebrante. A Liturgia insere-nos na História da salvação, que tem o seu centro em Jesus Cristo. A Constituição Sacrosanctum Concilium afirma: "Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para que, pregando o Evangelho a toda a criatura, anunciassem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertara do poder de Satanás e da morte e nos introduzira no Reino do Pai, mas também para que realizassem a obra de salvação que anunciavam, mediante o sacrifício e os sacramentos, à volta dos quais gira toda a vida litúrgica" (SC 6).

O cristianismo, mais que uma ética ou moral, mais que um conjunto de dogmas e ensinamentos, é uma pessoa: Jesus Cristo. Celebramos porque, na Liturgia, Cristo está especialmente presente: "Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas acções litúrgicas. Está presente no Sacrifício da Missa quer na pessoa do ministro (...), quer principalmente sob as espécies eucarísticas. Está presente com o seu poder nos Sacramentos (...). Está presente na sua palavra, pois, quando na Igreja se lê a Sagrada Escritura, é Ele quem fala. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele mesmo que prometeu: onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles (Mt 18, 20)" (SC 7). Celebramos porque é desse encontro com Cristo que recebemos a força, a alegria e o estímulo para viver e testemunhar a fé. Não que esse encontro só seja possível na e através da Liturgia, mas aí de modo muito especial: "toda a acção litúrgica (...) é acção sagrada por excelência cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, nenhuma outra acção da Igreja pode igualar" (SC 7).

Celebramos porque "a liturgia é simultaneamente o cume para o qual se encaminha a acção da Igreja e a fonte de onde dimana toda a sua força" (SC 10). Toda a acção pastoral da Igreja se deve orientar para a comunhão na vida divina, realizada na Liturgia. Por outro lado, é à celebração que a Igreja vai buscar a sua força e dinamismo, para continuar a sua missão no mundo. Isto não significa que a Liturgia seja tudo, na vida da Igreja. De modo algum. A participação na Liturgia pressupõe o anúncio (SC 9) e deve conduzir à acção concreta: "A própria Liturgia impele os fiéis (...) a «viverem em perfeita concórdia»; pede que «manifestem na vida quanto receberem pela fé»" (SC 10).

Celebrar faz parte da fé! Não se trata de um elemento mais, mas de um elemento fundamental e estruturante da própria fé. Uma fé que não se exprima também na celebração é uma fé morta, reduzida ao subjectivismo da "minha fé": se ser cristão é estabelecer com Cristo uma especial relação, a celebração é indispensável para estabelecer e manter viva tal relação.

Celebrar envolve a totalidade do nosso ser. Ora, a fé não se reduz a um conjunto de ideias sobre Jesus

Cristo; enquanto relação que é, exige o envolvimento de todas as nossas capacidades comunicativas. Na celebração isso acontece necessariamente: celebrar não é fazer um discurso; é um "fazer" ritual e simbólico.

Pe. Carlos Cabecinhas, www.leiria-fatima.pt



▪ **Que disposição e que atitudes são necessárias para uma celebração mais adequada dos sacramentos?**

▪ **As celebrações cristãs não são um acto mágico. Pressupõem uma fé viva e participante. Como é a tua presença nessas celebrações e em particular na Eucaristia?**

▪ **A Liturgia da Palavra é uma parte fundamental das celebrações. E na tua vida, que lugar tem a Palavra de Deus? Lês a Bíblia com frequência? Rezas a partir da Palavra?**



Pesquisa no YOUCAT

168;169;174;177;279;493



Oração

Eu vos exalto, ó meu Deus e Rei,
hei-de bendizer o Vosso nome
pelos séculos sem fim.

Cada dia Vos bendirei,
invocarei o Vosso nome
pelos séculos sem fim.

Grande é o Senhor e digno de louvor,
a Sua grandeza é insondável.

Uma geração transmitirá à outra
o louvor das Vossas obras,
anunciando os Vossos grandes feitos.

Falam do fulgor glorioso da Vossa majestade
e publicam as Vossas maravilhas.

Cante a minha boca as glórias do Senhor
e todos os mortais bendigam o Seu santo nome
pelos séculos, para sempre.

Sl 145,1-6.21



Ler mais

- *Catecismo da Igreja Católica, 1135-1209*
- *A verdade vos tornará livres, Conferência Episcopal Italiana, capítulos 14 e 15*
- *1Cor 11, 23-26*
- *Mt 6,5-15; 18, 19-20*